

O ATRAVESSAMENTO DO OUTRO E A ESTRUTURA PSICÓTICA

Maria Adivani de Oliveira Gomes

RESUMO: Este trabalho, elaborado a partir de uma pesquisa em cartel psicanalítico, investiga a emergência do sujeito na estrutura psicótica diante da forclusão do Nome-do-Pai e da ausência da metáfora paterna. Partindo da premissa de que o sujeito é constituído como efeito da linguagem e do campo do Grande Outro, o estudo analisa os efeitos clínicos de um Outro não barrado, vivenciado como uma presença invasiva, unívoca e devastadora. Ao diferenciar as dinâmicas da neurose e da psicose, destaca-se que o significante rejeitado no Simbólico retorna no Real por meio de fenômenos elementares e alucinações, figurando o delírio como um esforço de restauração do laço social. São examinadas as coordenadas clínicas do desencadeamento, articuladas ao colapso do duplo imaginário e ao encontro com 'Um-pai' na realidade. Por fim, propõe-se um manejo clínico que renuncia à posição do Sujeito Suposto Saber e assume a função de secretário do alienado, visando acompanhar a construção de amarrações singulares e suplências (sinthoma) para delimitar o gozo do Outro.

Palavras-chave: Psicanálise; Psicose; Forclusão; Nome-do-Pai; Grande Outro.

ABSTRACT: This article, derived from a research experience within a Lacanian psychoanalytic cartel, investigates the formalization of the subject's emergence in psychotic structure in the absence of the paternal metaphor due to the foreclosure (Verwerfung) of the Name-of-the-Father. Based on the premise that the subject is an effect of language and an intersection with the realm of the Big Other, the study examines the clinical consequences of interacting with an unbarred Other, experienced as an invasive, univalent, and limitless presence. By contrasting neurotic and psychotic structures, it underscores that in psychosis, what is foreclosed from the Symbolic returns in the Real as elementary phenomena and hallucinations, with delusions functioning as an attempt at recovery and social binding. The paper explores the coordinates of psychotic triggering associated with the collapse of imaginary compensations and the encounter with 'A-father'. Finally, it proposes a clinical direction that renounces the position of the Subject Supposed to Know and adopts the role of secretary to the alienated, aiming to support the subject in constructing singular knots and secondary solutions (sinthome) to border the devastating jouissance of the Other.

Keywords: Psychoanalysis; Psychosis; Foreclosure; Name-of-the-Father; Big Other.

1. Introdução

Este trabalho é fruto direto de uma experiência singular de pesquisa coletiva e produção escrita sob o dispositivo do cartel. A escolha da minha questão: “Como formalizar a

emergência do sujeito na psicose quando a ausência da metáfora paterna faz do Grande Outro uma presença invasiva e sem limites? O ponto de partida desta investigação foi compreender, na teoria lacaniana, a origem do sujeito e responder a um impasse teórico-clínico: como formalizar a emergência do sujeito quando não há a mediação da metáfora paterna? O objetivo central foi investigar a tese do sujeito como atravessamento do Grande Outro, buscando apreender os efeitos clínicos quando o Outro não se encontra barrado, mas surge como uma presença sem limites, invasiva e devastadora.

Desde o início, nosso grupo enfrentou os obstáculos inerentes a esse dispositivo. Começamos com a configuração tradicional de (4+1) e concluímos em (3+1), o que exigiu uma constante reconfiguração do laço transferencial. Conciliar agendas demandou pausas físicas, contudo, o trabalho de pesquisa e o compromisso com a escrita continuaram pulsando.

A discussão com os colegas de cartel e as intervenções do Mais-Um permitiram interrogar a própria noção de "atravessamento". Ficou evidente que o atravessamento do Grande Outro na psicose não ocorre pela via do fantasma (como na neurose), mas por meio de modos singulares de localização do gozo. Diante da forclusão do Nome-do-Pai, o Outro univalente se impõe sobre o sujeito. O trabalho no cartel deslocou, assim, o foco da investigação: da "travessia da fantasia" para o atravessamento como borda, invenção e amarração. A clínica da psicose demonstrou demandar não a interpretação do sentido, mas o acompanhamento das amarrações tecidas pelo próprio sujeito para contornar essa presença invasiva do Outro.

Como suporte da função simbólica, o Nome-do-Pai é o operador ordenador da metáfora paterna. Por meio dessa operação, a estrutura se estabelece e o sujeito se define como marcado e assujeitado à lei simbólica, à castração e aos seus desdobramentos no campo imaginário. A forclusão do Nome-do-Pai esse universal lacaniano da psicose, ao implicar os registros do Real, do Simbólico e do Imaginário, nos incita a interrogar a questão aberta das psicoses, tomando como eixos e linhas de força as três dimensões do espaço habitado pelo ser falante (*parlêtre*).

Encerrar este ciclo me fez perceber que sustentar essa escrita para o Outro foi o nó central que exigiu e ainda exige trabalho para ser ajustado. Chegar até aqui demonstra que o caminho da formação permanente está apenas começando. Esta experiência enriqueceu minha prática e transformou minha maneira de estudar, marcando o primeiro de muitos cartéis dos quais pretendo participar.

2. A Constituição do Sujeito e o Campo do Outro

Antes mesmo de emergir no mundo biológico, o infante humano é capturado por uma trama discursiva que o antecede. Nascemos imersos em palavras, expectativas, nomes e desejos formulados pelo Outro. Na rigorosa perspectiva lacaniana, o sujeito não constitui uma substância autônoma, psíquica ou biológica; ele é estritamente um efeito da linguagem, constituído a partir de seu atravessamento pelo campo do Grande Outro.

Este Outro representa o lugar simbólico que organiza o mundo e abriga o tesouro dos significantes. Toda a constituição subjetiva se tece na linguagem, fazendo com que os modos de desejar e existir tragam os ecos do desejo desse Outro primordial.

Todavia, a modalidade desse atravessamento é o que decide a estrutura. Enquanto na neurose o recalque e a operação da metáfora paterna operam a castração no Outro — inscrevendo a falta e dividindo o sujeito (\$), na psicose vigora a forclusão do Nome-do-Pai. Sem o balizamento da função paterna para intermediar e barrar essa relação, a captura pela linguagem não produz um sujeito recalcado ou metaforizado, mas expõe o vivente a um Outro não-barrado: absoluto, sem limites e marcado por uma presença invasiva. É nesse contexto particular da estrutura psicótica que o sujeito emerge como um atravessamento direto desse Outro unívoco, restando a ele inventar amarrações para bordear esse gozo devastador.

3. A Estruturação do Sujeito na Neurose e na Psicose

A entrada do sujeito no laço social e a sua consequente estruturação psíquica dependem fundamentalmente do modo como ocorre a operação de alienação e separação em relação ao Grande Outro. Na estrutura neurótica, essa separação se viabiliza pela triangulação edípica, na qual a função paterna intervém como um terceiro ordenador para romper a relação dual primordial. Por meio da Metáfora Paterna, o significante do Nome-do-Pai se inscreve no Simbólico, barrando o gozo materno e submetendo o sujeito à lei da linguagem.

Como articulado no *Seminário 5: As formações do inconsciente*, essa inscrição opera uma castração simbólica que substitui o significante do desejo da mãe pelo Nome-do-Pai, criando um efeito estruturador e limitando o gozo materno (LACAN, 1957-1958/1999). O neurótico, portanto, lida com um Outro faltante, o que viabiliza a dúvida, a neurose de transferência e a busca por um saber que nunca se fecha por completo.

Na estrutura psicótica, contudo, essa operação apresenta uma especificidade crucial fundada na lógica da forclusão (*Verwerfung*) do Nome-do-Pai. No *Seminário 3: As psicoses*,

Lacan (1955-1956/1992) trabalha extensivamente o conceito de rejeição, demonstrando que a teorização exata sobre a certeza absoluta e a falta do ponto de estofamento simbólico emerge no lugar onde falta a dúvida da mediação significante. O termo em francês *forclusion* (foraclusão) e o conceito matemático da Metáfora Paterna seriam formalmente cunhados por Lacan pouco depois, no escrito *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*.

Ademais, como construído no *Seminário 6: O desejo e sua interpretação*, enquanto o enigma do desejo da mãe evoca uma falta primordial que abre espaço para a fantasia do neurótico, na psicose a ausência do estofamento do Nome-do-Pai deixa o sujeito desamparado diante desse enigma (LACAN, 1958-1959/2016). Sem conseguir construir a fantasia que serve de barreira contra o gozo do Outro, o sujeito fica inteiramente à mercê de um Outro não barrado.

4. A Falha na Cadeia e o Retorno no Real

Diante da ausência do estofamento simbólico promovido pelo Nome-do-Pai, a cadeia de significantes se desarticula. Enquanto na neurose há um deslizamento metonímico, na psicose ocorre uma falha nessa amarração fundamental (LACAN, 1955-1956/1992). Consequentemente, opera-se o axioma lacaniano de que o que é rejeitado ou foracluído do Simbólico retorna de forma invasiva no Real (LACAN, 1957-1958/1998).

Esse retorno se manifesta por meio de fenômenos elementares e alucinações. Longe de ser uma mera desorganização perceptiva, a alucinação testemunha o caráter impositivo da linguagem quando destituída da mediação simbólica: o significante foracluído retorna do exterior, encarnado como voz, som ou intrusão no próprio corpo. O delírio, portanto, surge como um esforço de cura — uma tentativa rigorosa do sujeito de dar sentido a essa experiência alucinatória invasiva, reconstruindo uma ordem mínima e estabilizando o laço social diante do colapso da barreira simbólica (LACAN, 1955-1956/1992).

5. Coordenadas Clínicas e o Desencadeamento

A relevância dessa dinâmica pode ser ilustrada por coordenadas clínicas específicas, reduzidas aqui ao seu cerne estrutural. Consideremos um sujeito cuja historicidade é marcada por uma rejeição radical por parte do Outro primordial — um Outro que se manifestava de forma literal, expressando o desejo explícito de sua inexistência. Na infância e na adolescência, a amarração identitária desse sujeito tendeu a se sustentar por meio de uma identificação imaginária especular intensificada com um semelhante absoluto (o irmão

gêmeo), funcionando como o suporte que Lacan descreve ao teorizar sobre o papel do semelhante na sustentação do eu (LACAN, 1953-1954/1986). Essa estabilização psicótica pode se manter de forma não desencadeada por anos, amparada em compensações imaginárias e no rigor discursivo (LACAN, 1955-1956/1992), onde o sujeito adota uma postura de cuidador para evitar a submissão ao arbítrio alheio.

Contudo, o desencadeamento da psicose ocorre tipicamente quando o sujeito é intimado a responder a partir de um lugar simbólico que carece de sustentação interior: o encontro com "Um-pai" na realidade (LACAN, 1957-1958/1998). Quando esse duplo imaginário se rompe politicamente e passa a encarnar uma figura persecutória, desfaz-se o espelho que organizava o narcisismo do sujeito (LACAN, 1953-1954/1986). Se a esse colapso articulam-se demandas institucionais severas a exemplo do esgotamento na linha de frente de uma crise sanitária ou de deslocamentos geográficos, o sujeito depara-se com o Real do Outro desprovido de véu. Sem a mediação do Nome-do-Pai para balizar a relação entre o corpo e a linguagem, a trama significante se desfaz. Irrompem, assim, o *acting out* e a passagem ao ato, bem como fenômenos elementares nos quais a presença do Outro se torna invasiva, restando ao sujeito o isolamento social como única barreira contra esse gozo sem bordas.

6. O Manejo Clínico: O Analista como Secretário

Na clínica da psicose, o manejo exige uma subversão da posição tradicional do analista. Se na neurose este opera sob a baliza do Sujeito Suposto Saber, na psicose a suposição de um saber oculto no Outro corre o risco de ser vivenciada como uma ameaça persecutória (LACAN, 1967-1968). Ao reconhecer que o sujeito não dispõe da mediação operada pela metáfora paterna, o analista deve abdicar da interpretação para ocupar a posição de *secretário do alienado*, testemunhando o sofrimento do paciente e auxiliando-o na tessitura de suplências simbólicas (LACAN, 1955-1956/1992).

Longe de constituir um mero sintoma patológico, o delírio psicótico funciona como uma tentativa de demarcação do laço social e de formalização frente ao furo no Simbólico. Por conseguinte, a direção do tratamento não visa desfazer a trama delirante nem confrontar as alucinações a partir de parâmetros neuróticos, mas sim operar com a linguagem particular do sujeito. Trata-se de favorecer a construção de uma amarração singular — um *sinthoma* capaz de delimitar o gozo invasivo do Outro (LACAN, 1975-1976/2007). Essa amarração restitui ao sujeito a possibilidade de sustentar uma voz que, embora atravessada pelo Grande Outro, consiga inscrever algo de sua enunciação no laço social.

7. Conclusão: O Produto do Cartel

Fruto do percurso de pesquisa no cartel, este trabalho examinou o atravessamento do Grande Outro na psicose a partir do furo deixado pela forclusão do Nome-do-Pai. Acompanhou-se o momento do desencadeamento em que o colapso do imaginário, acelerado por imperativos institucionais e crises contextuais, lançou o sujeito ao Real de um Outro sem limites, restando-lhe o retraimento como anteparo.

A conclusão deste tempo de trabalho aponta que a ética da psicanálise na psicose exige renunciar ao Sujeito Suposto Saber. O manejo como *secretário do alienado* orienta-se a apoiar a construção de uma suplência — um *sinthoma* — que contorne a alucinação e localize o gozo, permitindo ao sujeito inventar um modo próprio de habitar o discurso.

REFERÊNCIAS

EIDELSZTEIN, Alfredo. **A origem do sujeito em psicanálise**. 1ª ed. São Paulo: Toro Editora, 2024.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 3: as psicoses** (1955-1956). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Aluísio Menezes. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente** (1957-1958). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.